

ESCRavidÃO E ESTADO NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO (SÉCULOS XVII-XIX)

Aluna-autora: Carolina Maria Donegá Teodoro - Bolsista PIBIC/UNESP (email: cteodoro73@gmail.com); orientador: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira; Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP/Franca, curso de História.

Palavras Chave: *Escravidão, Estado, Criminalidade.*

Introdução

Com a inspiração de autores como Eugene Genovese e Edward Thompson, verificada no Brasil particularmente na década de 80, a concepção *coisificadora* do escravo, representada, em grande parte, pela Escola Paulista de Sociologia, foi superada. Essa nova geração deu início a uma nova escrita da história, na qual o cativo foi colocado como protagonista, principalmente no que diz respeito à criminalidade, cotidiano e resistência. Hoje, apesar de passados trinta anos, essas temáticas ainda são exploradas, numa tendência unificadora do micro e do macro, em que novas questões afloram e se fazem pertinentes. Assim, o objetivo deste estudo é entender a relação entre ordem senhorial e atitude escrava, a interferência do Estado e a eficácia da justiça, por meio da investigação de conflitos relatados em autos do início do século XIX, envolvendo escravos armados a mando de seus senhores na capitania de Minas Gerais.

Objetivo

Buscarei entender, primordialmente, a ocorrência de conflitos, suas motivações e a participação neles de escravos armados por mando de seus senhores. Especial atenção será conferida ao desenrolar e aos desfechos dessas histórias, quando indicados na documentação. Consequentemente, procurarei compreender as relações entre senhores e seus escravos armados, e entre senhores que constituíam milícias particulares e outros proprietários. Por fim, investigarei o grau de eficiência da ação do Estado, em particular da justiça, no âmbito do poder privado dos senhores, por meio da verificação dos desfechos dos processos.

Material e Métodos

Essa pesquisa se sustenta na utilização de processos-crime de Minas Gerais, produzidos na segunda década do Oitocentos, antes, portanto, da promulgação do Código Criminal do Império. Terei como principal suporte metodológico as obras *Senhores e Caçadores* e *Costumes em Comum*, de Edward P. Thompson.

Resultados e Discussão

Entendemos a capitania de Minas Gerais como

imersa num cenário de violência, enraizada na sociedade e transparecida nas relações sociais, sobretudo na resolução de conflitos, em defesa da honra e em demonstrações de coragem dos envolvidos. Em grande parcela, os embates pessoais analisados em estudos como este se dão entre vizinhos ou indivíduos próximos, tanto no que tange ao espaço quanto à convivência imediata. Ao mesmo tempo, são esses mesmos vizinhos os responsáveis por compor o corpo de testemunhas dos processos: não necessariamente presenciavam os fatos, mas acabavam sabendo por *ouvir dizer*. A permissividade dos senhores para com os cativos era obstáculo à eficácia do desarmamento: por precisarem de facas para abrir picadas no mato e defender-se dos animais selvagens, por exemplo, os proprietários criavam exceções à posse de armamento por escravos. Além disso, havia a possibilidade serem empregados na formação de milícias particulares, e também aqui poderiam portar armas.

Conclusões

Se os conflitos particulares das fazendas fossem levados à Justiça, o poder do senhor poderia estar sujeito à legislação e, por consequência, ser questionado. Tal decisão expunha o âmbito privado ao público, o que a fazia temível, uma coisa contra a qual era necessário se proteger. A falta de colaboração dos potentados e seus subordinados para com as tarefas dos oficiais de justiça era parte da estratégia desses homens poderosos para evitar as punições que adviriam de seus crimes e seus mandos. Vemos a importância das redes de solidariedade entre potentados, com participação de seus subalternos, para o reconhecimento de poderes e a dominação das localidades. Esses espaços de influência, mesmo permeados de violência e disputas, foram sustentados por tais acordos e parcerias.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ, à UNESP e ao meu orientador, Ricardo Alexandre Ferreira.